

## DO PARAGUAI

Assunção, março — "El ascensor se encuentra a disposición de los señores pasajeros, quienes lo pueden usar bajo su propia responsabilidad". O aviso no quarto do hotel é meio inquietante; e éle está repetido com outras palavras na porta do elevador, onde há um cartaz em que se chama a atenção dos senhores hóspedes para o fato de haver escadas no edificio, em vista do que a gerência não se responsabiliza por qualquer coisa que ocorra no elevador. Mas eu sou valente. Desço sob minha própria responsabilidade e me vejo caminhando ao acaso pelas ruas de Assunção.

Visito um mercado, dos vários que há na cidade. Há quase apenas mulheres vendendo e comprando. Das roças em volta da cidade vêm as camponesas montadas em seus burricos, trazendo as coisas da lavoura para vender na feira. O burrico, muito pequeno, tem arreo e duas bruacas de couro, uma de cada lado; são bruacas quadradas, como não se usam no Brasil. A mulher vem sentada na sela, com as duas pernas para o lado esquerdo, na frente de uma bruaca; vem lentamente, e às vezes apoia com indolência a mão esquerda na garupa do pequeno animal, enquanto a direita sustém a rédea. Quase sempre usa um pano na cabeça (as mais velhas usam um pano preto) e lembra de maneira perfeita um baixo-relevo medieval mostrando a Virgem em sua fuga para o Egito. Há um simplicidade bíblica nessa feira e uma grande doçura nessas mulheres morenas que, depois de espalhar pela rua as coisas que trazem para vender, sentam dentro de uma bruaca vazia. Chapéus de palha pintados em cores vivas, com flôres azuis e vermelhas e às vezes uma frase em espanhol ou guarani; uma cerâmica ingênua e fortemente colorida; coisas de palha e de pau, do humil de artesanato da roça, se misturam às frutas, aos legumes e às galinhas. Toda a manhã a roça invade assim a cidade. Mas aqui mesmo há muitos burrinhos e bois: na calçada de meu hotel um tourinho ficou vinte minutos comendo tranqüilamente as coisas que havia em uma lata de lixo. Os transeuntes batiam-lhe a mão com afeto na cabeça ou no lombo. Há uma doçura indiana nessa convivência com os animais. Em vão o comentarista de "La Union" faz um tópico veemente contra o número de animais soltos na rua, de noite, nas esquinas mal iluminadas, eles são um perigo para o "chauffeur". Em vão a Prefeitura avisa que há tantos animais recolhidos ao depósito (em Cachoeiro, quando eu era pequeno, a gente dizia "o curral do Conselho") e serão vendidos em leilão se os donos não forem pagar a multa.

Assunção, com mais de 200 mil habitantes, imensa com suas ruas de casinhas baixas, orgulhosa de alguns edificios novos e imponentes como o Barco do Paraguai e a sede da Previdência Social, solene com suas igrejas, com seu pequeno Pantheon que é menos feio que o de Paris (porque é menor e mais claro), e seu Palácio do Governo versalhesco; Assunção, com seus bondes e ônibus e taxis, suas intermináveis intrigas políticas, seus museus e cinemas, clubes e cassinos, sua bela avenida Mariscal Lopez, onde grandes mansões se escondem entre arvores imensas e gordas, com seus parques e jardins, com seu bar Vertúa, onde há bom uisqué e moças bonitas de manhã e de tarde — Assunção, que vai crescendo sem parar, é uma cidade sem orgulho urbano, e guarda seu jeito de centro rural. E essas mulheres mestiças, às vezes de traços tão delicados, de pés e mãos pequenos, essas mulheres que têm a sutileza e a graça de tudo que sai de seus dedos finos como os aneis de armar, as lindas blusas de bordados e o nhanduti — elas parece que humanizaram esses bichos com que lidam, esses burrinhos de cara séria, essas vaquinhas de tornozelos finos, e ficam parecidas com eles, e em tudo há o mesmo desenho simples e sensível, uma certa tristeza e modestia, uma infinita paciência para o trabalho e resignação com o destino — mas nunca, nem uma vez, temos a impressão de miséria diante dessa pobreza tranqüila.

23.3.51

R. B.